

CORPO E ESCOLA: UM OLHAR ELISIANO SOBRE COTIDIANO ESCOLAR

Rejanira Alves Gertrudes
Mestranda no PPGE/UFPB
gertrudesrejanira@gmail.com

Orientador: Ricardo de F. Lucena
Doutor PPGE/UFPB
cacolucena@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho faz parte da discussão do projeto de mestrado em Educação da Universidade Federal -PPGE/UFPB- da Linha de Pesquisa de Estudos Culturais da Educação da UFPB. O texto destina-se a analisar a *sociologia figuracional* de Norbert Elias, na dinâmica do cotidiano escolar. À luz da teoria elisiana, procuramos compreender as relações entre corpo, educação e os processos civilizadores, em nossa proposta de dissertação. Considerando a tese de Elias de que as atitudes/comportamentos dos homens não são naturais, e sim construídos sócio-culturalmente, através de um processo de autoregulação e uma regulação social. Dialogamos com Elias, especialmente neste caso com o conceito de figuração/configuração, tentando mostrar que os/as alunos/as em suas relações interdependentes, se aproximam/ligam numa dada formação no cotidiano escolar, nesse contexto específico produzem uma figuração/configuração. Discutiremos também com Carlos da Fonseca Brandão (2003 e 2009), David Le Breton (2007) e Héctor Mendes & Diana Portanto Milstein (2010). Nosso trabalho almeja contribuir, na relação entre teórica de Norbert Elias e o campo a Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia figuracional. Cotidiano Escolar. Corpo discente.

ABSTRACT:

This work is part of the discussion of the project's degree in Education, Federal University -PPGE / UFPB- Line Survey of Cultural Studies Education UFPB. The text aims to analyze the figurational sociology of Norbert Elias, the dynamics of everyday school life. In light of elisiana theory, we seek to understand the relationships between body, education and civilizing processes in our dissertation proposal. Considering the Elias thesis that attitudes / behaviors of men are not natural, but socially and culturally constructed through a process of self-regulation and social regulation. Dialogued with Elijah, especially in this case with the concept of figuration / configuration, trying to show that / the students / those in their interdependent relationships, approach / bind a given training in school life, that produce a specific context figuration / configuration. Also discuss with Carlos da Fonseca Brandão (2003 and 2009), David Le Breton (2007) and Hector Mendes & Diana Therefore Milstein (2010). Our work aims to contribute in the theoretical ratio of Norbert Elias and the Educational field.

KEYWORDS: figurational sociology. School everyday. Student body.

Introdução

Pretendemos discutir a proposta da pesquisa de dissertação a luz da teoria elisiana, para tanto, apresentamos brevemente o sociólogo Nobert Elias enfatizando como os conceitos de *figuração*¹, interdependência e *civilização*, nos ajudaram a refletir sobre nosso tema, acerca da problematização dos corpos dos discentes na escola.

A posteriori abordamos uma reflexão sobre escola e corpo, especificando as etiquetas corporais propostas pelas instituições escolares, para tanto dialogamos com LE Breton David (2007), Diana Milstein & Héctor Mendes (2010) e Carlos da Fonseca Brandão que trabalha com o pensamento de Nobert Elias no controle das emoções no campo da educação. Em seguida, verificamos como a sociologia figuracional nos possibilita um olhar mais perpicaz sobre o cotidiano escolar e os discentes.

Temos o intuito de refletir como os discentes criam entre si uma *figuração* específica no cotidiano escolar, mesmo sem ter um planejamento os/as aluno/as formaram instrumentos simbólicos e comportamentos que os configuram diferentemente dos demais sujeitos da instituição, como professores, diretores e demais funcionários. Inerente a formação da *figuração* existem as interdependências entre os discentes, que eles tecem entre si, numa dinâmica específica.

Uma breve reflexão da teoria elisiana.

Nobert Elias foi um sociólogo alemão. De família judaica, teve de fugir da Alemanha nazista exilando-se em 1933 na França, antes de se estabelecer na Inglaterra onde passará grande parte de sua carreira. Nasceu em 22 de junho de 1897, em Breslau, atual Polônia, e faleceu em 1 de agosto de 1990, em Amsterdã.

Segundo Brandão (2003) a trajetória biográfica e intelectual de Elias pode ser dividida em três fases:

O primeiro momento vai do início de sua vida até o término de sua formação acadêmica, quase que conjuntamente com o encerrar da República de Weimar. O segundo é o período compreendido entre a sua saída forçada da Alemanha, já sob o domínio de Adolf Hitler e a re-publicação de *O processo civilizador* (1968), quando, a partir da

¹ No texto podem ocorrer a escrita do conceito em duas versões *figuração* ou *configuração*, essas palavras são sinônimos, essa variação depende da tradução realizadas nas obras de Nobert Elias.

mesma, inicia-se o reconhecimento internacional de sua contribuição acadêmica e teórica. O terceiro e último momento, o mais produtivo em termos de publicações, é iniciado com esse reconhecimento e termina com a sua morte, em 1990, em Amsterdã, Holanda. (p.20)

Considerando a tese de Elias de as atitudes/comportamentos dos homens não são naturais, e sim construídos sócio-culturalmente, através de um processo de autoregulação e uma regulação social.

Elias não desenvolveu suas produções com a preocupação diretamente ligada a Educação, no entanto, nosso objetivo é de contribuir na discussão e percepção de como a teoria elisiana pode ajudar na problematização e análise da área educacional. Nesse estudo especificadamente, tentaremos entender a corporeidade dos alunos e alunas no cotidiano escolar, a luz da sociologia figuracional elisiana. A fim de discutir como as instituições escolares foram criadas para administrar, controlar e coibir cada vez mais os comportamentos dos sujeitos.

Nesse sentido, a *sociologia figuracional* de Norbert Elias nos possibilita compreender as relações entre corpo, educação e os processos civilizadores, em nossa pesquisa. Contribuindo para uma problematização sobre o processo de ensino e aprendizagem, que perceba e reflita a corporeidade no cotidiano escolar.

Segundo Norbert Elias (2006), a civilização é “[...] uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada” (p.21), o processo de civilização está influenciado devido a uma civilização biológica. Esse processo está atrelado à individualização do ser humano e a vida social.

A *civilização* não é algo já posto e acabado, ela é um processo contínuo que estamos envolvidos, no qual as relações sociais produzem relações de interdependências entre os sujeitos na sociedade. Internamente as sociedades estabelecem as *figurações* entre os seus sujeitos, Elias contrapõe a ideia de uma sociedade homogênea e unilateral, ele propõe uma nova forma de olhar a sociedade e suas *figurações*, já que as sociedades podem sofrer retrocessos no processo civilizador não existindo, portanto, um ponto fixo de equilíbrio da sociedade.

As *figurações* são formadas apenas entre os humanos, no qual a apropriação do sistema simbólico orienta os seres humanos na sua comunicação no mundo entre si. A *socialização e individualização* são próximos, os seres humanos paralelamente

assemelham-se e diferenciam. Nessas relações acontecem *figurações específicas* e variáveis, que são transformadas de acordo com as circunstâncias e temporalidades.

Entendendo que as sociedades não são constituídas de meras aglomerações de pessoas, os sujeitos elaboraram mundo simbólico, que são socialmente aprendidos a partir dele as pessoas podem se orientar no mundo/sociedade.

O conceito de *figuração* segundo a teoria elisiana:

Seres humanos singulares convivem uns com os outros em *figurações* determinadas. Os seres singulares se transformam. As *figurações* que eles formam uns com os outros também se transformam. Mas as transformações dos seres humanos singulares, e as transformações que eles formam uns com os outros, apesar de inseparáveis e entrelaçadas entre si, são transformações em planos diferentes e de tipo diferentes. Um ser humano singular pode ter relativa autonomia em relação a determinadas *figurações*, mas em relação às *figurações* em geral, quanto muito, apenas em casos extremos (por exemplo, o da loucura). As *figurações* podem ter autonomia relativa em relação a determinados indivíduos que as formam no aqui e agora, mas nunca em relação aos indivíduos em geral (ELIAS, 2006, p. 26-27)

A *figuração* refere-se a partir das relações de *interdependência* dos sujeitos numa dada formação. Os sujeitos criam entre si uma *figuração* específica, sem que para isso exista um planejamento. Inerente a formação da *figuração* existem a *interdependências* entre os discentes, que eles tecem entre si numa dinâmica específica de interconexões.

Sobre o conceito de interdependência Brandão nos asevera sobre o pensamento de Elias:

As relações de interdependência possuem duas características que necessitam ser salientadas. A primeira é que, mesmo quando essas relações são intencionais, elas podem produzir consequências não intencionais, ou seja, “do entrecruzar das ações de muitas pessoas podem emergir consequências sociais que ninguém planejou”. A segunda característica é que essas relações intencionais de interdependência muitas vezes podem ter sido originadas de “interdependências humanas não intencionais”(Id:103). (BRANDÃO, 2003, p.64)

Nessa perspectiva, somos inquietados a pensar sobre esses conceitos no cotidiano escolar, como os alunos e as alunas criam entre si uma *figuração* específica? Como acontece as relações de interdependência na escola?

Corpo e escola uma etiqueta corporal ???

O *locus* da nossa pesquisa para a dissertação é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Martiniano da Rocha, situada na Rua Lucas da Rocha, no Centro da cidade de Lagoa Seca.

Partimos do pressuposto, constatado em observações iniciais e no tocante a nossa pesquisa, que os discentes criam entre si uma *figuração* específica no cotidiano escolar, mesmo sem ter um planejamento os/as aluno/as formaram instrumentos simbólicos e comportamentos que os configuram diferentemente dos demais sujeitos da instituição, como professores, diretores e demais funcionários.

O cotidiano escolar, aparentemente semelhante, durante todo o ano letivo, revela sujeitos múltiplos de contextos diversificados. Por vezes a escola ao invés de se utilizar, dessa pluralidade, para tornar o ambiente escolar mais humano e consistente em sua diversidade, ela tende a homogeneizar e padronizar os corpos que a compõe.

Observamos, nesse sentido, as contribuições das discussões sobre a corporeidade na escola, que nos possibilita problematizar as salas de aulas e os intervalos, mostrando a movimentação dos corpos múltiplos que a compõe.

Nesta pesquisa no cotidiano escolar, percebemos a importância de identificar os diversos sujeitos que compõem o ambiente educacional, compreendendo as facetas do cotidiano e da corporeidade, a partir deste viés, que podemos trazer um aprofundamento maior para o entendimento da dinâmica dos processos do dia a dia escolar.

Breton (2007) nos convida a pensar sobre a corporeidade como algo construído socialmente, que coloca o corpo e sua movimentação sobre as regras da civilidade propostas por Elias, no qual o corpo tem suas ações controladas paulatinamente:

[...] pouco a pouco o corpo se apaga e a civilidade, em seguida a civilização dos costumes, passa a regular os movimentos mais íntimos e os mais ínfimos da corporeidade (as maneiras à mesa, a satisfação das necessidades naturais, a flatulência, a escarrada, as relações sexuais, o pudor, as manifestações de violência, etc.). As sensibilidades modificaram-se. É conveniente não ofender os outros por causa de um comportamento demasiado relaxado. As manifestações corporais são mais ou menos afastadas da cena pública, muitas delas desde então ocorrendo nos bastidores; tornaram-se privatizadas. [...] (BRETON, 2006, p.21).

A escola também está imersa nessa “etiqueta corporal” administrando os comportamentos dos discentes, o processo de ensino/aprendizagem preocupa-se em pacificar o corpo e movimentar apenas os elementos cognitivos, aparentemente na sala

de aula os alunos e alunas deixam seus corpos de “fora” da cena pedagógica, no qual apenas a “cabeça/raciocínio” é percebida dentro do processo de ensino/aprendizagem.

O corpo é retirado de sua integridade com as emoções e gestos, colocado num plano fragmentado secundário “isolamos a etiqueta corporal da gestualidade ou da expressão das emoções por simples razão de clareza na demonstração dos campos de estudo” (idem, p.47).

O processo de homogeneização e padronização no espaço do ambiente escolar, auxilia-nos a pensar o papel da educação, na evolução dos processos humanos de controle do corpo. Devemos pensar a interdependência do corpo e das emoções.

A escola necessita ser uma instituição permissiva e dialógica, possibilitando, em seu espaço, um ambiente favorável à aprendizagem na sociabilidade e interação com os outros sujeitos. As condutas dos/as alunos/as no cotidiano escolar precisam ser problematizadas, e não apenas recriminadas e identificadas, que esses sujeitos se percebam e percebam nos demais como pessoas portadoras de direitos, e que nesse pressuposto, fique claro a importância do respeito mútuo, para que as relações interpessoais e conviviais aconteçam cotidianamente.

A visibilidade dos/as alunos/as e seus conhecimentos precisam estar presentes desde o momento da elaboração até o esclarecimento da funcionalidade das regras escolares, que essa postura e escolha possam criar e buscar estratégias baseadas em situações cotidianas. A escola busca controlar cotidianamente os corpos escolares, e que os alunos/as resistem ao um modelo escolar e suas práticas impostas, por não entender essas posições que anulam os corpos e opiniões no espaço escolar.

O cotidiano escolar a luz da sociologia figuracional

Brandão nos possibilita uma reflexão pertinente sobre a regulação e autoregulação dos comportamentos dos sujeitos segundo a perspectiva de Norbet Elias:

Assim o controle pode ser o controle exercido pelo Estado sobre o indivíduo, através de suas leis, como pode ser o controle exercido pelos outros indivíduos dentro do convívio social, ou pode ser ainda, o controle exercido pelo próprio indivíduo sobre si mesmo, o chamado autocontrole. Para Elias, o autocontrole é o código social de conduta, gravado tão fortemente no indivíduo, que torna-se um elemento

constituente do próprio, agindo até quando o indivíduo encontra-se sozinho. (BRANDÃO, 2009, P.83)

Para pensar sobre a “agência de controle” que nos próprios exercemos cotidianamente, em especial para refletir nossa pesquisa, lemos o papel da sociedade como da instituição escolar e a o indivíduo como os alunos e alunos.

Nesse sentido, alunos/as conhecem as regras escolares que os mesmo estão subordinados durante o ano letivo, que determina vestuário, horários e espaços que devem e/ou podem ser utilizados.

Ao analisar o controle dos/as alunos/as, nesse confronto, diante das normas propostas e/ou impostas, percebe-se que os discentes constituem cotidianamente uma apropriação, criando e se utilizando de jogos de liberdades mútuas, recíprocas, entre uns e outros, representando as regras que são ditadas sobre seus corpos e subjetividades.

Os discentes não “fogem” totalmente das regras, pois eles têm consciência das consequências de seus atos, Os corpos-sujeitos que não se enquadram nos padrões de comportamento, ou seja, aqueles que se movimentam no espaço-tempo fora do dito e estabelecido são rotulados de rebeldes, indisciplinados, inaptos etc. entre outros adjetivos para qualificar suas condutas fora das normas.

Os/as alunos/as como já discutido, nesse texto, não são passivos ou neutros, no cotidiano escolar. Eles elaboram sua própria representação e criam elementos para vivenciar suas liberdades, é a recriação do que é posto, os discentes formulam uma *figuração* própria na dinâmica do cotidiano escolar.

Diálogamos com Diana Milstein & Héctor Mendes (2010) autores argentinos, que trabalham com a perspectiva do cotidiano escolar e com a presença do corpo no cenário educacional - simbólico e físico. O tema, por eles abordado, está próximo a presente pesquisa e os autores mostram que “[...] na interação entre professores e alunos, entre o que se ensina e o que se aprende, existe uma trama complexa e variada de significados que regulam as atividades, que se revela nas formas de controle do espaço e do tempo” (MILSTEIN & MENDES, 2010. P.54).

Como já discutido no texto, os sujeitos não consomem as imposições corporais e mentais passivamente reinventando-as, burlando-as por instantes as fronteiras estabelecidas:

Decorre disso a importância de compreender que os limites que o espaço físico impõe, tanto os fixos – paredes, portas, janelas etc. – como os relativamente móveis – mobiliário – não estabelecem fronteiras totalmente intransponíveis, nem determinam características

que por si só expressam o sentido disciplinador da escola (MILSTEIN & MENDES, 2010, p.54-55).

Os alunos/as agem astutamente, no cotidiano escolar, elaboram seus “*pulinhos*” para burlas as circunstâncias e criar instantes de autonomia. È preciso promover e discutir um ensino/currículo, envolvido diretamente para as formas da ação humana e suas carências cotidianas.

Na teoria de Nobert Elias a democracia tem um aspecto importante, segundo Brandão (2003) “Elias considera o exercício da democracia um valor positivo, que deve ser preservado, e extremamente dependente do funcionamento eficaz do controle das emoções imposto pelo individuo a si mesmo” (p.116).

Com isso a escola, deve ir além das etiquetas corporais, o “olhar elisiano” contribui para uma percepção da pratica do autocontrole pautada na democracia, além dos bancos escolares.

Considerações finais

Como vimos, a teoria elisiana nos ajuda a refletir sobre os comportamentos dos alunos e alunas, no cotidiano escolar. Possibilitando um olhar mais atento as figurações e teias de interdependências existentes, nesse ambiente.

O presente texto, faz parte como já mencionado, de uma proposta de dissertação, que tem como objetivo aprofundar e contribuir na discussão sobre a teoria de Nobert Elias e a Educação.

Diante desse breve trabalho, percebemos como os alunos e alunas são rotulados e modelados no cotidiano escolar, no entanto, esses e essas formam uma *figuração* propria formentada pelas relações de *interdependências*. É sobre esse cotidiano multiplo que nossa investigação se interessa, seja especificado e limitado a presente escrita, mas com uma provavel problematização mais aguçada á posteriori na dissertação, baseando-se no olhar elisiano sobre o processo civilizacional, no viés da Educação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Controle dos impulsos e das paixões no processo civilizatório de Nobert Elias. In: **O controle das emoções**. Ademir Gebara, Cas Wouetrs (orgs.) – João Pessoa: Editora Universitaria da UFPB, 2009. p. 61-89.

_____. **Nobert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ELIAS, Nobert. **Escritos & Ensaio: Estado, processo, opinião pública**. Org. Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Tradução Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis/RJ. Vozes, 2007.

MENDES, Héctor&MILSTEIN, Diana. **Escola, corpo e cotidiano escolar**. Tradução Ana RATTO, Lucia Silva. Revisão TerumiKoto Vilalba. São Paulo: Cortez, 2010.